

A ESCRITA DO EU

A LITERATURA COMO
LABORATÓRIO DA VIDA

MARIA HELENA JESUS
PAULO JESUS
GONÇALO MARCELO
(EDS.)

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DIREÇÃO

Maria Luísa Portocarrero
Diogo Ferrer

CONSELHO CIENTÍFICO

Alexandre Franco de Sá | Universidade de Coimbra
Angelica Nuzzo | City University of New York
Birgit Sandkaulen | Ruhr-Universität Bochum
Christoph Asmuth | Technische Universität Berlin
Giuseppe Duso | Università di Padova
Jean-Christophe Goddard | Université de Toulouse-Le Mirail
Jephrey Barash | Université de Picardie
Jerôme Porée | Université de Rennes
José Manuel Martins | Universidade de Évora
Karin de Boer | Katholieke Universiteit Leuven
Luís Nascimento | Universidade Federal de São Carlos
Luís Umbelino | Universidade de Coimbra
Marcelino Villaverde | Universidade de Santiago de Compostela
Stephen Houlgate | University of Warwick

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

PRÉ-IMPRESSÃO

Margarida Albino

PRINT BY

PKP

ISBN

978-989-26-1571-4

ISBN DIGITAL

978-989-26-1572-1

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1572-1>

APOIOS



**A IDENTIDADE NARRATIVA
EM PAUL RICŒUR: DO TEXTO POÉTICO
À POÉTICA DO EU
(NARRATIVE IDENTITY IN PAUL RICŒUR:
FROM THE POETIC TEXT TO THE POETICS
OF THE SELF)**

Helena Costa Carvalho (CLEPUL, Univ. de Lisboa)
helenaccarvalho@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4843-0635>

Resumo: Indagando a possibilidade e o sentido de uma poética do eu, será nosso objetivo clarificar, a partir do contributo incontornável do filósofo francês Paul Ricœur, de que forma o texto poético se assume como uma mediação fundamental da compreensão do *si*, bem como da sua configuração e *refiguração* enquanto um *si mesmo*. Neste sentido, atentaremos especialmente nas obras *Temps et Récit* (1983-85) e *Soi-Même Comme un Autre* (1990), fulcrais para entendermos a relação que o filósofo tece entre narrativa, tempo e identidade, mais especificamente a importância da mediação narrativa para a superação das aporias ligadas às experiências humanas da temporalidade e da construção identitária. Gravitaremos, neste contexto, em torno da noção seminal de *identidade narrativa* – enquanto ponto de mediação entre uma identidade *idem* e uma identidade *ipse*

–, procurando mostrar de que forma esta se constitui como a pedra angular de uma configuração (poética) do eu cujo alcance se estende ao domínio da ética.

Palavras-chave: Identidade, Narrativa, Poética, Ricœur, Tempo

Abstract: Inquiring the possibility and the sense of a poetics of the self, our aim is to clarify, based on the essential contribution of the French philosopher Paul Ricœur, how the poetic text becomes a fundamental mediation of the understanding of the self, as well as of its configuration and *refiguration* as oneself. In this sense, we pay special attention to the works *Temps et Récit* (1983-85) and *Soi-Même Comme un Autre* (1990), which are crucial to understand the relation that the philosopher weaves among narrative, time and identity, more specifically the importance of narrative mediation to overcome the aporias related to human experiences of temporality and of identity. In this context, we will gravitate around the seminal notion of *narrative identity* – as a point of mediation between an *idem* identity and an *ipse* identity –, trying to show how it constitutes the cornerstone of a (poetic) configuration of the self whose scope extends to the domain of ethics.

Keywords: Identity, Narrative, Poetics, Ricœur, Time

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal, na sua realidade directa; os campos, as cidades, as ideias, são coisas absolutamente fictícias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissíveis todas as impressões salvo se as tornarmos literárias.

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, §117

Procurando refletir sobre a possibilidade e o sentido de uma poética do eu, será nosso escopo avaliar, a partir do contributo incontornável de Paul Ricœur, a importância do texto poético no processo de compreensão, configuração e *refiguração* da identidade pessoal. Assim, atentando na noção ricœuriana de *identidade narrativa* e na linha de pensamento que o filósofo francês desenvolveu em torno dela, olharemos para o texto poético numa dupla dimensão poética e prática, mostrando de que forma a *inovação semântica* inaugurada pela metáfora e, muito especialmente, pela narrativa abre, abre novas possibilidades de sentido que, não se esgotando no plano textual, têm efeitos na compreensão que o sujeito tem de si e do mundo.

A relação gizada entre literatura e identidade ocupa um lugar axial no ambicioso projeto filosófico de Paul Ricœur. Propondo-se fundar uma antropologia do homem integral, do homem concreto, Ricœur elegera como método uma hermenêutica da via longa – por oposição à hermenêutica da via curta de Heidegger – que tornou imperioso o tratamento de variados temas, como o sofrimento, o mal, a linguagem, o tempo e a identidade. O seu longo percurso começa por uma fenomenologia da vontade, concretizada na obra intitulada precisamente *La Philosophie de la Volonté* (1950-1960), que se subdivide em *Le Volontaire et l'Involontaire*, *L'Homme Faillible* e *La Symbolique du Mal*, na qual o filósofo pensou a questão da falibilidade humana e, conseqüentemente, a questão do mal e dos seus símbolos. A conclusão deste estudo, segundo a qual «o símbolo dá que pensar», levará o filósofo a fazer um importante e longo desvio pela filosofia da linguagem, sobretudo pela hermenêutica dos textos, em obras como *Le Conflit des Interprétations* (1969), *La Métaphore Vive* (1975) e *Temps et Récit* (1983-85). Ao trabalhar, nesta última, a relação entre narrativa e temporalidade, o autor lançou as bases da sua investigação em torno da identidade, consubstanciada na coleção de estudos

que formam *Soi-Même Comme un Autre* (1990), a partir da qual adentrará o domínio ético, o confesso ponto de chegada do seu projeto filosófico.

Guiados pelos objetivos que apresentámos, dividiremos a nossa reflexão em três partes: num primeiro momento, procuraremos mostrar de que forma o texto poético surge, em virtude da *inovação semântica*, como um *medium* privilegiado da nossa compreensão do mundo e de nós mesmos; de seguida, intentaremos avaliar em que medida a mediação narrativa abre a possibilidade da superação (poética) dos paradoxos inerentes à experiência da identidade, aclarando a noção de *identidade narrativa*; por último, será nosso escopo refletir sobre as potencialidades práticas do texto poético, mostrando em que medida a identidade narrativa surge como a pedra angular da configuração e *refiguração* (ética) do *si mesmo*.

A especificidade do texto poético: a *inovação semântica* como forma privilegiada de mediação

Assumindo uma conceção ontológica da linguagem, Ricœur defende que é no texto que a linguagem adquire verdadeiramente o poder de revelar e configurar a experiência humana no mundo, que é essencialmente não linguística e que a precede. Tal possibilidade aberta pelo texto resulta do facto de este, contrariamente à fala, surgir como o lugar onde a palavra se fixa e opera uma tripla distanciação produtora de significação – entre o *dizer* e o *dito*, o *emissor* e o *recetor* e o *dito* e o seu *referente* –, promovendo, assim, a abolição de uma referência de primeira ordem – ostensiva e demonstrativa – e a abertura de uma referência de segunda ordem que requererá interpretação. Ao surgir como o domínio «em que pode ser abolida toda a referência à realidade dada» (Ricœur, s.d., p. 121), ou seja, em que mais se agudiza o movi-

mento de abolição de uma referência directa, a literatura parece inaugurar uma outra distanciação: a do real consigo mesmo. No entanto, é importante notar que este movimento de abolição de uma primeira ordem da referencialidade, pelo qual a literatura parece subtrair-se completamente ao mundo e fechar-se na sua gloriosa solidão, constitui a condição negativa de uma possibilidade essencial do texto poético: a de referir e tocar o real a um nível mais profundo – lembremos o *Lebenswelt* de Husserl e o *ser-no-mundo* de Heidegger –, aumentando o nosso poder de o entender e transformar:

Por um lado, a linguagem parece exilar-se fora do mundo, encerrar-se na sua atividade estrutural e finalmente elogiar-se a si mesma numa solidão gloriosa: o estatuto literário da linguagem ilustra esta primeira orientação. Por outro lado, contrariamente à sua tendência centrífuga, a linguagem literária parece capaz de aumentar o poder de descobrir e de transformar a realidade – e antes de mais a realidade humana – justamente na medida em que se afasta da função descritiva da linguagem vulgar na conversação¹ (Ricœur, 1991, p. 9).

Neste sentido, o que há para interpretar no texto literário não é, como propunham as hermenêuticas tradicionais, a intenção do autor, mas uma *proposta de mundo* na qual podemos projetar

¹ «D'un côté le langage paraît s'exiler hors du monde, se refermer sur son activité structurante et finalement se célébrer lui-même dans une solitude glorieuse: le statut *littéraire* du langage illustre cette première orientation. De l'autre côté à l'inverse de sa tendance centrifuge le langage littéraire paraît capable d'augmenter la puissance de découvrir et de transformer la réalité – et surtout la réalité humaine – à la mesure de son éloignement de la fonction descriptive du langage ordinaire de la conversation» (tradução nossa).

os nossos «possíveis mais próprios», a que o autor chamará o *mundo do texto*:

... um texto literário em geral, um texto narrativo em particular, projeta diante de si um mundo possível, certamente, mas mundo apesar de tudo, como um lugar de acolhimento onde eu poderia fixar-me e onde poderia habitar para aí efetivar os meus possíveis mais próprios² (Ricœur, 1991, p. 10).

Tal distanciação operada pelo texto, e de forma mais aguda pelo texto poético, assume, assim, em Ricœur, um carácter positivo e uma função hermenêutica, surgindo como condição de possibilidade de referirmos a realidade na sua espessura e de nos compreendermos enquanto seres no mundo.

Será importante ressaltar que a noção de texto poético proposta pelo filósofo adquire um espectro semântico abrangente, sendo «poético» entendido num sentido lato como *poiesis*, produção de sentido, incluindo tanto a poesia como a ficção. Tal revela que a sua maior preocupação não foi a questão dos géneros literários, mas a do trabalho de linguagem que o literário implica. É neste sentido que, em *Interpretation Theory*, Ricœur nos diz que a literatura, diferentemente dos discursos científico e filosófico, é «o uso do discurso em que várias coisas se especificam ao mesmo tempo e em que o leitor não é intimado a escolher entre elas. É o uso positivo e produtivo da ambiguidade» (Ricœur, 1986, pp. 69-70). Nesta medida, e ao «trazer à linguagem modos de ser que a visão comum obscurece ou até reprime» (Ricœur, 1986, p. 87),

² «[...] un texte littéraire en général, un texte narratif en particulier, projeté en avant de lui un *monde-du-texte*, monde possible, certes, mais monde néanmoins, en tant que séjour où je pourrais me tenir et habiter pour y effectuer mes possibles les plus proches» (tradução nossa).

o texto poético, longe de ser um mero jogo de palavras, adquire uma dimensão referencial inovadora. Na verdade, a poesia e a ficção visam o ser, mas sob uma modalidade nova, a do *poder-ser*, tornando possível, em função da especificidade e natureza dos seus instrumentos, a metáfora e a narrativa – a dupla figura da *inovação semântica* –, um processo de *variações imaginativas* através do qual o leitor perscruta novas possibilidades de *ser-no-mundo*. É neste sentido que o texto poético se assume como um instrumento privilegiado na tarefa de revelar e configurar as múltiplas modalidades do ser e da nossa facticidade.

Privilegiamos, neste contexto, a reflexão que o autor desenvolve em torno da narrativa, a segunda dimensão da inovação semântica, que é associada à noção de *mise en intrigue*, a «arte de “compor intrigas”» (Ricœur, 1983, p. 57) ou o «agenciamento dos factos em sistema» (Ricœur, 1983, p. 69). Sendo pensada como *mimesis praxeos* – «mimesis» que é entendida no sentido aristotélico, como representação ou imitação criativa (da ação humana) –, a narrativa emerge, como veremos nos pontos seguintes, como um lugar privilegiado de mediação do ser e das experiências humanas fundamentais. Para tal concorrem, de uma forma decisiva, os três momentos que Ricœur reconhece no processo mimético narrativo³, especialmente o último: a mimese I, que corresponde à *prefiguração* das potencialidades simbólicas do campo prático, ou seja, às possibilidades dos enredos da ação e das qualidades dos seus agentes; a mimese II, correspondente ao próprio ato de *configuração* narrativa, a *mise en intrigue*, através da qual o escritor cria o reino da ficção, do *como se*; e a mimese III, associada à *recepção* da obra, à leitura, ou, melhor dizendo, à *apropriação* da intriga pelo leitor. Este terceiro momento, não se esgotando na estrita literariedade do texto poético, implica uma relação entre

³ Em relação às três *mimesis*, ver o capítulo III de *Temps et Récit I*.

os esquemas de significação do texto e os esquemas de ação do leitor pela qual se poderá dar a *refiguração* do modo que este tem de ser e operar no mundo. É, pois, neste terceiro momento que se cumpre aquilo a que Fernanda Henriques chama «o poder da *imaginação linguística* para gerar novos sentidos, para explorar novas possibilidades de se encarar a realidade e a si mesmo e de se conceber o futuro» (Henriques, 2005, p. 210). Neste sentido, como bem lembra Richard Kearney (2006, p. 481), Ricœur, ao conceber esta tríplice mimese operada pela narrativa, supera a perspetiva tradicional segundo a qual narrativa e vida são alternativas opostas, sendo por via da dissolução de tal dicotomia que o filósofo nos dará a pensar a relação entre a ficção narrativa e a constituição do *si mesmo*.

A identidade narrativa ou a constituição poética do si mesmo

Aclarado o espectro das inauditas possibilidades inauguradas pela *inovação semântica*, especialmente pela narrativa, procuramos agora perscrutar o papel do texto narrativo na superação dos paradoxos inerentes às experiências humanas do tempo e da identidade, e, assim, na constituição do *si mesmo*.

Procurando mostrar de que forma a atividade narrativa – tanto o ato de contar uma história como o de escrevê-la – responde e corresponde aos paradoxos de base do tempo, Ricœur começará, em *Temps et Récit I* (Ricœur, 1983), por atentar nas *Confissões* de S. Agostinho (2000) e na sua resposta da intensão e da distensão da alma num triplo presente. Não encontrando nessa hipótese uma solução para as aporias temporais, o filósofo ocupar-se-á, num segundo momento, da *Poética* de Aristóteles (1986), escolha que justifica com a apresentação de duas grandes razões: por um lado, o conceito de intriga (*muthos*) aristotélico parece apontar

para um predomínio da concordância sobre a discordância, ao contrário da noção de *distentio animi* de Santo Agostinho, e, por outro, o conceito de *mimesis* permite pensar uma segunda problemática, a da imitação criadora da experiência temporal pela mediação da intriga (Ricoeur, 1983, p. 66).

Recuperando os conceitos do filósofo grego, Ricoeur propõe que o que permite à história ser mais do que uma simples enumeração de acontecimentos numa ordem sucessiva, e aos acontecimentos tornarem-se história, é a mediação que resulta da *poiesis*, isto é, da operação de construção ou configuração do *muthos*, na medida em que esta possibilita uma «união entre a ficção e a ordem no seio de uma só e mesma operação» (Ricoeur, 1982, p. 6), sendo portanto no domínio poético que a solução do paradoxo do tempo deverá ser procurada. Jogando-se numa relação entre as partes (acontecimentos) e o todo (história), a intriga combina duas dimensões temporais, uma cronológica ou episódica e outra não-cronológica, que corresponde à dimensão de configuração através da qual a intriga constrói um todo de significação a partir de acontecimentos isolados. A inteligibilidade de uma história depende, assim, de ambas as dimensões, sendo inteligível aquela em relação à qual compreendemos de que forma os episódios conduzem a um determinado desfecho, ou seja, «a inteligibilidade do accidental, o universal do singular, o necessário ou verosímilante do episódio»⁴ (Ricoeur, 1983, p. 85). É, portanto, através da configuração da intriga que a sucessão dos acontecimentos se transforma numa totalidade de significação, o que só é possível porque tal configuração do *muthos* inaugura um tempo específico, o *tempo narrativo*, que, tecendo-se de tempo cronológico e de tempo vivido, permite a mediação entre episó-

⁴ «Composer l'intrigue, c'est faire surgir l'intelligible de l'accidentel, l'universel du singulier; le nécessaire ou le vraisemblable de l'épisodique».

dios e configuração englobante. Por esta razão, é pela atividade de contar ou ler uma história que o tempo se torna humano:

o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge a sua plena significação quando se torna numa condição da existência temporal⁵ (Ricœur, 1983, p. 105).

A narrativa poética permite, dessa forma, ultrapassar a ideia de que a nossa condição temporal está inevitavelmente enredada na negatividade da *distensio*, da distensão entre tempos diferentes, transformando tal condição numa experiência positiva. Porém, tal só é possível ser pensado se não esquecermos que é no momento da *mimese* III que o mundo do texto realmente irrompe, assumindo plenamente a sua função *reveladora* e *transformadora* face à experiência do tempo e à consciência de si.

Depois de ter mostrado, em *Temps et Récit* (1983-85), de que forma a poética narrativa nos permite superar os paradoxos inerentes à experiência do tempo e redimensionar a nossa própria vivência temporal, o filósofo irá, em *Soi-Même Comme un Autre* (1990), propor-se avaliar a importância da narrativa para a constituição do si (mesmo) (Ricœur, 1990, p. 138)⁶.

Como lembra Carlos João Correia, esta ideia de abordar o problema da unidade da pessoa através da mediação da narrativa não é original, encontrando-se também em MacIntyre, nomeadamente na obra *After Virtue* (1981), a tese segundo a qual a unidade de si

⁵ «... le temps devient temps humain dans la mesure où il est articulé sur un mode narratif, et que le récit atteint sa signification plénière quand il devient une condition de l'existence temporelle» (tradução nossa).

⁶ «... je me propose de remettre ici en chantier la théorie narrative, non plus dans la perspective de ses rapports avec la constitution du temps humain comme il a été fait dans *Temps et Récit*, mais de sa contribution à la constitution du soi».

próprio radica na unidade de uma narrativa e, ainda antes, em *Human Condition* (1958), de Hannah Arendt, a de que responder à questão sobre o sujeito de uma ação é, no limite, contar a história de uma vida (Correia, 1988, p. 84). Neste contexto, importa ainda mencionar o livro *Sources of the Self* (1989), de Charles Taylor, publicado um ano antes de *Soi-même Comme un Autre* (1990), no qual também avulta a ideia de que a construção identitária implica simultaneamente aspetos de natureza ética e narrativa.

Contudo, a proposta teórica que Ricœur faz em torno da noção de *identidade narrativa* é inovadora em vários aspetos. Para compreender o sentido e o alcance de tal noção, será necessário atentar na concepção de identidade da qual o autor parte. Ricœur fez notar, neste contexto, que a categoria kantiana de substância, através da qual tantas vezes se pensou a identidade, ao apontar para uma concepção de permanência que é pensada de forma transcendental enquanto permanência numérica (Ricœur, 1983, p. 143), só pode aplicar-se à natureza física, não servindo para pensar a mistura de permanência e de não-permanência que a caracteriza. Deste modo, percebendo a dificuldade de se dar conta de tal duplicidade, o filósofo propôs-se tratar tal questão a partir da noção de *si mesmo* (Ricœur, 1999, p. 215)⁷, começando por distinguir dois sentidos diferentes do termo «identidade» advenientes da sua dupla raiz latina: os étimos *idem* e *ipse*. Se a olharmos do ponto de vista do *idem* (que significa «idêntico» ou «muito parecido»), a identidade surge pensada em termos

⁷ O uso da expressão «si mesmo» em vez de «si» para traduzir o «soi» ricœuriano compreende-se à luz da justificação apresentada por Carlos João Correia para a sua tradução do «soi» como «si próprio»: «A dificuldade em encontrar uma palavra portuguesa correspondente ao sentido filosófico de *Soi* levou-nos a usar a expressão “si próprio” como sua tradução. O termo “si”, raramente substantivado na língua portuguesa, não nos parece feliz para expressar o sentido tanto de “*Soi*” como dos seus equivalentes em inglês, “*Self*”, e alemão, “*Selbst*”» (Correia, 2000, p. 193).

quantitativos ou numéricos, como mesmidade. Trata-se, pois, do conjunto de caracteres imutáveis que permanecem no tempo e que respondem à questão «*o que sou?*». Por outro, se tivermos em consideração o étimo *ipse* (que significa «próprio»), cujo oposto já não é «diferente», mas «estranho», deparamo-nos com uma identidade pensada em termos qualitativos, como resposta à questão «*quem sou?*», cuja permanência no tempo se revela mais problemática.

A partir daqui, teremos, então, de perguntar de que forma esta identidade, quando assumida como *ipseidade*, dá conta da sua dimensão temporal e, assim, da difícil mediação entre mudança e permanência. Ricœur começa por responder à pergunta através da noção de *história de uma vida*. Na continuação do que dissemos anteriormente, o autor defende que só pelo relato, pelo contar da história, é possível fazer a conexão de uma vida que, de outro modo, não seria mais do que a vivência e a recordação de instantes ou episódios que se sucederam, pelo que o filósofo nos diz que «a história da vida se converte, desse modo, numa história contada» (Ricœur, 1999, 216). Na verdade, tendo uma iniludível dimensão temporal, que é simultaneamente cronológica e subjetiva, não se pode aceder a esse tipo de história de uma forma direta, mas somente indiretamente através da poética da narração.

Este acesso mediado à identidade não se faz, assim, apenas ao contarmos a nossa história, mas também ao lermos ou ouvirmos as histórias de ficção nas quais não somos nós os protagonistas. Neste sentido, é importante perscrutarmos a relação entre ação e personagens da narrativa, os dois pólos da construção da trama, pois é no seu seio que surge a primeira possibilidade de superação do binómio permanência/mudança associado à identidade. Na senda de Aristóteles, que subordinava completamente os caracteres à ação, Ricœur irá defender a tese segundo a qual a narração configura o carácter duradouro da personagem, aquilo

a que podemos chamar a sua *identidade narrativa*, ao configurar a identidade própria da história contada. Assim, se realmente toda a história pode ser considerada um encadeamento de situações que nos leva de uma situação inicial a uma situação final, a identidade narrativa da personagem só poderá ser o estilo unitário das transformações subjetivas que obedecem à regra da completude, da totalidade e da unidade da trama. É, pois, por isso que é na configuração da própria trama que primeiro se deverá procurar a mediação entre permanência e mudança, e só depois na personagem, que emerge como «figura do si mesmo» (Ricœur, 1999, p. 220).

Para compreendermos o processo de *refiguração* do si que tem lugar ao nível da mimese III, será preciso considerar outro elemento: o carácter fictício da personagem. O carácter fictício da narrativa e das suas personagens surge como um elemento crucial na medida em que, ao abrir o campo do *poder-ser*, permite ao leitor ser sujeito de um processo de *variações imaginativas* (Ricœur, 1999, p. 226) através do qual este pode perscrutar novas formas de ser, convertendo-se, por meio deste prodigioso trabalho do imaginário, num eu refigurado⁸. Este trajeto da auto-identificação do si mesmo só é, pois, possível em virtude de um processo de identificação relativamente à personagem fictícia (Ricœur, 1999, p. 228), pelo que podemos dizer que as variações imaginativas experienciadas por via da ficção se transformam nas variações do próprio si mesmo.

Assim sendo, a *identidade narrativa*, entendida pelo filósofo como «aquela identidade que o sujeito humano alcança mediante a função narrativa» (Ricœur, 1999, p. 215), constitui-se como o ponto de mediação entre uma identidade *idem* e uma identidade

⁸ Esta questão é aprofundada por Jean-Luc Amalric na obra *Paul Ricœur, L'Imagination Vive. Une genèse de la philosophie ricœurienne de l'imagination* (2013).

ipse e, assim, como a pedra angular da compreensão e configuração do si (*soi*) como um *si mesmo* (*soi-même*). Nesta perspectiva, a identidade compreende uma infinita tarefa de reinterpretação à luz das histórias que contamos a nós mesmos ou aos outros, revelando-se o si narrativo «um processo contínuo de autoconsciência e autorretificação que se baseia na imaginação poética para sintetizar os diferentes horizontes de passado, presente e futuro.» (Kearney, 1995, p. 181). Assim, podemos dizer que o que se joga na identidade narrativa é a mediação entre a nossa ipseidade e as possibilidades de nós e do mundo entrevistas por meio da ficção literária, mais especificamente dos sentidos e dos modelos de ação que esta nos abre ou propõe, tal como esclarece Carlos João Correia:

Mas existe uma razão suplementar que explica, segundo Ricœur, o papel privilegiado da identidade narrativa no acesso à nossa identidade pessoal: construir modelos ficcionais que, como espelhos, nos permitem reflectir a vida e o drama, não tanto de seres e objectos neutros, mas, antes, de pessoas reais comprometidas com o mundo e com os outros – seres que amam, que sofrem, que atraíam, que morrem, que desejam (Correia, 1998, p. 87).

Da poética à ética: a dimensão poético-prática da identidade narrativa

Na sequência do que vimos anteriormente, adivinha-se já que a identidade narrativa integra não só uma dimensão poética da imaginação, mas também uma dimensão prática, ponto em que ecoamos a tese defendida por Jean-Luc Amalric:

... a tese que procurarei defender é que a identidade narrativa pode ser caracterizada por uma mistura poético-prática que mediatiza e dialectiza duas funções distintas da imaginação: de um lado, aquilo a que chamarei uma função poética da imaginação – ou seja, fundamentalmente uma função de representação apoiada na interpretação e no discurso – e do outro o que chamaria, na senda de Ricœur, uma função prática – isto é, uma função projetiva da imaginação, capaz, ao mesmo tempo, de iluminar, orientar e dinamizar o nosso agir (Amalric, 2012, pp. 110-111).

A mediação poética adquire, assim, ao nível da mimese III – o momento da apropriação do texto pelo leitor, que corresponde, ao mesmo tempo, a uma apropriação de si –, um alcance prático, sendo esse um dos pontos de inovação da proposta de Ricœur. Como o filósofo defende em *Du Texte à l'Action* (título que em si é já representativo de tal tese), o mundo da ficção funciona como «um laboratório de formas no qual ensaiamos configurações possíveis da ação para aí comprovar a sua consistência e a sua plausibilidade» (Ricœur, s.d., 29), sendo através deste jogo que a dimensão poética dos textos desagua na dimensão prática da acção.

Embora tal dimensão já se entreveja neste momento, torna-se neste ponto imperioso perguntar em que medida a vocação poético-prática dos textos de ficção, bem como a identidade narrativa que por meio deles se tece, convoca e atualiza a dimensão ética. Na verdade, a poética da narração permitiu a Ricœur deslindar a problemática do si mesmo à luz não só das teorias da ação e dos atos de fala, mas também da teoria da imputação moral, na qual o si mesmo toma a forma do sujeito responsável (Ricœur, 1999, 216). O tópico da imputação moral surge, aliás, como o

mais importante na arquitetura ricœuriana, o que se comprova pela chamada «viragem ética» que o seu pensamento manifestará a partir do tratamento da questão da identidade narrativa. Não é, pois, despreciando que os estudos sobre o sujeito responsável que surgem em *Soi-Même Comme Un Autre* (Ricœur, 1990) venham depois dos estudos que versam o sujeito que é capaz de narrar(-se), tal como confirma Olivier Abel:

Não podemos construir um sujeito responsável sobre um sujeito incapaz de seguir uma história e de entender a história dos outros. É muito perigoso acreditar que tudo é narrativa ou pior que tudo é ficção, mas é ainda mais perigoso não narrar nada, não ser capaz de narrar nada. A fraqueza das capacidades narrativas leva à fraqueza da responsabilidade (Abel, 2011, p. 234).

Com efeito, se antes a convocou para superar os paradoxos inerentes à dialética mesmidade/ipseidade, num segundo momento Ricœur situará a identidade narrativa num lugar de charneira entre a dimensão simplesmente poética da identidade pessoal e a sua dimensão ética. Ao permitir um exercício de identificação e de avaliação moral das personagens num todo de ação, a mediação narrativa revelar-se-á também fundamental para a configuração ética do si e para problemática da imputação. Diz-nos o autor, neste sentido, que a intelecção narrativa se assemelha ao juízo moral na medida em que «explora os caminhos mediante os quais a virtude e o vício conduzem ou não à felicidade e à desgraça» (Ricœur, 1999, 226). Existe, pois, na literatura uma demarcada dimensão ética que o filósofo clarifica de uma forma luminosa:

A literatura é um vasto laboratório onde se ensaiam estimulações, valorações, juízo de aprovação ou de

condenação, pelos quais a narrativa serve de propedêutica à ética⁹ (Ricœur, 1990, p. 109).

O poder de *refiguração* do si mesmo que a narrativa tem ao nível da mimese III adquire, assim, um alcance que se estende à ética e ao plano comunitário, sendo nessa medida que, nos últimos artigos de *Soi-Même comme un autre* (Ricœur, 1990), o autor nos dá já a pensar a identidade narrativa na sua relação com a dimensão ético-política. Chamando a atenção para a necessidade de distinguirmos a ética, o desejo ou a intenção da vida boa, da moral, o conjunto de normas que norteia a ação, Ricœur defendeu o primado da primeira sobre a segunda e a importância de um constante reenvio entre ambas. Considerando os três planos nos quais a intenção ética se desenvolve – o do cuidado de si (eu), o da solicitude (tu) e o da justiça (ele) – o filósofo propôs uma «pequena ética» que define como «o desejo [*visée*] de uma vida boa com e para os outros em instituições justas» (Ricœur, 1990, p. 202)¹⁰, sendo este desejo de uma «vida boa» – noção que o filósofo recupera de Aristóteles – apenas possível pela mediação dos modelos narrativos e, assim, da identidade narrativa dos sujeitos e da comunidade. Na verdade, ao permitir-nos ensaiar o juízo moral através da projeção em diferentes enredos e possibilidades de acção, a narrativa abre espaço para o exercício e a consolidação daquilo a que os gregos chamavam *phronesis*, noção que podemos entender, caucionados por Ricœur, como uma sabedoria prática (*sagesse pratique*) capaz de resolver os impasses resultantes do conflito entre diferentes normas morais.

⁹ «La littérature est un vaste laboratoire où sont essayés des estimations, des évaluations, des jugements d’approbation et de condamnation par quoi la narrativité sert de propédeutique à l’éthique» (tradução nossa).

¹⁰ «Appelons “visée éthique” la visée de la “vie bonne” avec et pour autrui dans des institutions justes.»

O alcance ético da identidade narrativa não se esgota, no entanto, na mediação que oferece à memória e ao exercício do juízo moral. O poder que aquela confere ao sujeito de narrar e de se narrar alia-se, por outro lado, à capacidade de, pela mesma via narrativa, o sujeito prometer, surgindo, assim, a promessa como uma nova forma (ética) da manutenção da ipseidade. Neste último desdobramento da identidade narrativa, a atestação narrativa do si identifica-se com a atestação ética da promessa – com a capacidade de se permanecer fiel à palavra dada –, garante primacial do reconhecimento, manutenção e configuração do si num compromisso com a alteridade.

Considerações finais

Sinalizando a temporalidade essencial da experiência da identidade e a tensão permanência-mudança que a habita, Ricœur mostra-nos que a compreensão e configuração de tal experiência convocam a mediação do outro, da alteridade, representando a poética da narração, enquanto domínio onde, pelo prodígio da ficção, se abrem possibilidades interditas ao discurso crítico-ensaístico, o chão por excelência do desvelamento do si mesmo. Assim, em virtude do fôlego que atribui à *inovação semântica*, Ricœur propõe um modelo de interpretação assente no valor ontológico e cognitivo da narrativa, ou seja, na possibilidade de esta mediar a compreensão de algo essencial sobre o mundo e sobre o si, produzindo um efeito que se estende do *mundo do texto* ao plano prático da vida humana. É, pois, neste sentido que podemos dizer que a poética narrativa é já uma poética do eu, nas suas dimensões pessoal e coletiva.

A mediação narrativa revela-se, nesta medida, fundamental para a compreensão das experiências do tempo e da identidade,

experiências que, pela sua natureza, não admitem um acesso direto, simplesmente analítico ou conceptual. Assim, partindo dos paradoxos em que a questão identitária frequentemente se enreda, o autor propôs que é apenas pela narrativa que um sujeito compreende e dá conta da mistura de permanência e mudança que o habita, ou seja, do fenómeno da sua manutenção não obstante as várias variações a que vai estando sujeito, forjando, neste contexto, a noção de *identidade narrativa*. É importante grifar que, para além da dimensão poética, Ricœur reconhece na identidade narrativa uma dimensão prática, mostrando de que forma esta permite experimentar modelos de ação que se repercutirão na nossa práxis. Ao permitir-nos exercitar o juízo moral, a (identidade) narrativa adquire, ao nível da mimese III, também uma dimensão ética, que se espelha na capacidade crescente de a nossa ação visar e construir a *vida boa*. Neste contexto, a poética do eu que se tece por meio da identidade narrativa encontra a sua derradeira efetivação na capacidade do si de se com-prometer por via da palavra feita promessa. A fidelidade à palavra dada, à promessa feita, constitui-se não só como um outro critério da continuidade diacrónica da ipseidade, mas também, e sobretudo, como o critério ético por excelência.

Descobrimos, pois, na identidade narrativa uma fulgurante resposta às problemáticas da constituição e da continuidade da ipseidade. Não obstante, o modelo narrativo proposto por Ricœur presta-se a algumas objeções, decorrentes desde logo da própria limitação da narrativa para dar conta da totalidade de uma vida. Ademais, ao estabelecermos uma estreita ligação entre a narração e a atestação da identidade entendida como ipseidade, uma pergunta imediatamente se impõe: como pensar a identidade de alguém desprovido da capacidade de narrar? Estará essa pessoa necessariamente desprovida de identidade? Para além destas questões, teremos ainda de considerar que grande parte dos

textos de cunho autobiográfico, muito especialmente os escritos a partir do século XX coloca em causa a noção de narrativa atrás aclarada, assumindo um carácter fragmentário consubstanciado em formas poéticas diversas.

Referências bibliográficas

- Abel, O. (2011). Du retournement poétique au paradoxe éthique. In A. Paula e S. Sperber (Org.), *Teoria Literária e Hermenêutica Ricœuriana. Um diálogo possível*. Dourados: Ed. UFGD, 215-245.
- Amalric, J.-L. (2012). L'imagination poético-pratique dans l'identité narrative. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, vol. 3, n.º 2, 110-127.
- Arendt, H. (1958). *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press.
- Aristóteles (1986). *Poética*. Trad. de E. de Sousa. Lisboa: I.N.C.M.
- Correia, C. J. (1995). *Ricœur e a expressão simbólica do sentido*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Correia, C. J. (1998). Identidade pessoal. Notas para uma redefinição do conceito de pessoa segundo o pensamento de Ricœur. *Philosophica*, 12, Lisboa, 75-88.
- Correia, C. J. (2000). A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Trad. comentada de "L'identité narrative" de Paul Ricœur, *Arquipélago*, 7, 177-194.
- Henriques, F. (2005). *Filosofia e Literatura: um percurso hermenêutico com Ricœur*, Biblioteca de Filosofia, 11. Porto: Edições Afrontamento.
- Kearney, R. (1995). Narrative imagination: between poetics and ethics. *Philosophy and Social Criticism*, vol. 21, n.ºs 5-6. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 173-190.
- Kearney, R. (2006). Parsing narrative – story, history, life. *Human Studies*, vol. 29, n.º 4, dec. 2009. Springer, 477-490.
- MacIntyre, A. (1981). *After Virtue. A Study in Moral Theory*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press.
- Portocarrero, M. L. (2002). Fenomenologia do tempo e poética narrativa em P. Ricœur. In *A Fenomenologia Hoje. Actas do I Congresso Internacional da AFFEN*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 349-364.
- Ricœur, P. (1982). Entre Temps et Récit – concorde/ discorde. In AAVV, *Recherches sur la Philosophie et le Langage*. Université des Sciences Sociales de Grenoble, 2-14.
- Ricœur, P. (1983). *Temps et récit I*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricœur, P. (1984). *Temps et récit II*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricœur, P. (1985). *Temps et récit III*. Paris: Éditions du Seuil.

- Ricœur, P. (1986 [1976]). *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- Ricœur, P. (s.d. [1986]). *Do texto à acção*. Trad. de A. Cartaxo e M.^a José Sarabando. Porto: Rés-Editora.
- Ricœur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- Ricœur, P. (1991). Auto-compréhension et histoire. In T. Calvo Martines e R. Ávila Crespo, *Paul Ricœur. Los caminos de la interpretación*. Barcelona: Anthropos. Acedido a 16 de abril de 2015, em http://www.fondsricoeurRicœur.fr/photo/Auto%20compr_%20et%20histoire.pdf.
- Ricœur, P. (1999). La identidad narrativa. In *História y narrativa*. Introd. de Ángel Gabilondo y Gabriel Aranzueque. Barcelona: Editorial Paidós.
- Santo Agostinho (2000). *Confissões*. Trad. de A. Espírito Santo *et. al.* Lisboa: I.N.C.M.
- Taylor, C. (1989). *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.